

CRÍTICA FILME | NOSSO SEGREDO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Antigos espíritos
do carinho

Divulgação

O pequeno Tutu (Efraim Santos) em 'Nosso Segredo', longa de estreia da atriz e dramaturga Grace Passô como realizadora

Flagra-se uma surdez institucional de toda esta nação... de toda a América Latina de passado colonial escravocrata, na dimensão fabular de “Nosso Segredo”, longa-metragem vencedor do Kikito de Melhor Filme no recém-encerrado Festival de Gramado, que parece ser a

resposta mais sábia do cinema nacional a uma provocação da filósofa Djamila Ribeiro. Em seus livros, ela escreve: “O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os Outros, enquanto esses Outros permanecem silenciosos.”

Talvez por isso, o pequeno

Tutu, personagem encantador, de apenas seis anos, vivido por Efraim Santos, custe tanto a ter a atenção dos adultos a seu redor, na produção dirigida pela atriz Grace Passô, ao mencionar a presença de “Pretinha”, entidade espectral que concede dimensão espiritualista a um drama cuja argamassa são os afetos familiares. Uma casa de ethos decolonial,

onde o amor entre os parentes é pleno, mesmo em dias de sofrimento, torna-se (a um só tempo) arena, microcosmos e coprotagonista deste estudo sobre alianças em tempos de ausência. Um estudo que se estrutura na tela com delicadeza contagiante.

Consagrado na Berlinale, em fevereiro, na mostra Perspectivas, “Nosso Segredo” parte do luto. A

morte de um patriarca (branco) serve de ponto de partida para uma investigação delicada sobre as práticas racistas denunciadas por Djamila na cômoda surdez regente da alteridade alheia (em especial a do povo eurocêntrico), que se manifesta entre memórias e angústias.

Produzido por Ricardo Alves Jr., “Nosso Segredo” acompanha uma fase de “volta por cima” na rotina de uma família assombrada secularmente pelas violências do preconceito, que tenta reorganizar a rotina após a perda do pai. Enquanto os adultos enfrentam a dor de maneiras distintas, Tutu se atém à manifestação misteriosa em seu lar, que parece simbolizar proteção para aquele núcleo familiar contra as bestialidades de populações brancas intolerantes. A dimensão fantástica se mistura ao cotidiano sem romper a verve “pé no chão” com que o dia a dia é narrado, como se via nos filmes iranianos dos anos 1990 (tipo “O Gosto da Cereja”).

Numa realização cheia de destrezas, Grace parte de uma reescrita de “Amores Surdos”, texto teatral de sua autoria, para construir uma (quase) fábula sobre cicatrizes, pertencimento e reconstrução. A arguta fotografia de Wilssa Esser, coroada com um Kikito, dá ao filme uma atmosfera crepuscular, enquanto a trilha de Amaro Freitas amplia a dimensão sensorial do que se vê. Tudo é equilibrado. Tudo é tocante. Tudo nos alarma, até o benquerer, num debate sobre permanência e ancestralidade.

CRÍTICA FILME | MUITO PRAZER

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Sexo verbal

Documentarista magistral, vide “Ilha das Flores” (1989) e “Mercado de Notícias” (2014), Jorge Furtado defende a tese que “uma palavra pode valer mais do que mil palavras, quando usada com ironia”, conforme declarou no seminário online Na Real Virtual, em 2020. Foi a forma de defender o uso quilométrico de verbos, substantivos, adjetivos e advérbios em sua escrita de roteiro, que não abre mão da causalidade (todo acontecido em cena tem uma razão; toda ação terá uma reação).

“Muito Prazer”, seu novo filme, xará de uma obra-prima de David E. Neves, chega a um paroxismo em sua verborragia ao usar palavrados

para sublimar o sexo, nestes tempos onde tudo se digitaliza (até a transa), condenando (perigosamente) o tesão a um plano supérfluo.

Neste sentido, esta sua ligeira comédia serve (mais) como um alerta do que como um exercício de riso. Envelopado numa sagaz direção de arte de Fiapo Barth e Dayane Paz (seu aspecto técnico mais notável), o enredo de Furtado segue o empenho de reinvenção de Rubem (Daniel de Oliveira), um fracassado em um pau pra dar no gato, que herda um motel falido, o Pérola. Ao conhecer a ex-funcionária Grace (Luisa Arraes), que ficou morando numa das suítes quando a hospeda-

‘Muito Prazer’ fala de sexo num mundo sem desejo, com o carisma de Daniel de Oliveira para dar vitalidade à sua verborragia



Fabio Rebelo/Divulgação

ria fechou, e a bamba da web Nalva (Samantha Jones), eles armam um plano para sair o atol, criando vídeos para sites eróticos. O esquema se torna rapidamente lucrativo, até tropeçar no perigo. Giba Assis

Brasil monta esse rol de tropeços com engenhosidade, com atenção ao fluxo verbal nas “furtadices” de Jorge. Na direção de fotografia, Lívia Pasqual acha um tom lívido de luz para a arquitetura narrativa que

o veterano cineasta lhe entrega ao pensar as práticas sexuais deixando o desejo de lado. É um estado de coisas que nos acossa. O longa levanta essa preocupação, colocando-a em debate.